

A EDUCAÇÃO SEXUAL ABORDADA ATRAVÉS DE BILHETES TROCADOS ENTRE CRIANÇAS

SEX EDUCATION APPROACHED THROUGH TICKETS EXCHANGED BETWEEN CHILDREN

Fátima Aparecida Coelho Gonini¹

Rita de Cássia Petrenas²

RESUMO

Dentre os temas que desafiam a Educação, a formação docente vem tomando impacto há décadas, quanto à temática da Sexualidade. O contexto se torna permeado por barreiras, devido à crença de que são precisos materiais específicos e momentos determinados para a discussão. O objetivo desse estudo é abordar a educação sexual através da análise de bilhetes produzidos por alunos do Ensino Fundamental, envoltos com a temática da Sexualidade, no cotidiano escolar, e demonstram influência dos artefatos culturais. Muitas vezes, causam dificuldades de discussão aos docentes, não proporcionando o aprendizado. O material foi analisado através da Análise de Conteúdo Temática, elegendo duas categorias. Apresentamos possibilidades de abordagem da temática da Sexualidade no contexto escolar com materiais do cotidiano, constituindo o currículo escolar por diversidade e formação cidadã.

Palavras-chave: Formação docente. Práticas escolares. Educação sexual.

ABSTRACT

Among the themes that present challenges in Education, the teacher formation has had a great impact for decades, in relation to the theme of Sexuality. The context becomes permeated by barriers, due to the belief that are need specific pedagogical materials and determinate moments for the discussion of the theme. The aim of this study is to approach the sexual education through the analysis of some informal notes produced by students from the first stage of elementary school, materials wrapped with the theme of Sexuality, which circulate in the daily life of schools, which demonstrate influence by cultural artifacts. In most times, these tickets cause difficulties of discussion among teachers, not providing the learning. The material was analyzed through Thematic Content Analysis, elaborating two categories. We present possibilities of approaching the theme of Sexuality in the school context with quotidian materials, constituting the school curriculum by diversity and citizen formation.

¹ Doutora em Educação. FFCL Ituverava. E-mail: fatinini@yahoo.com.br

² Doutora em Educação. UNICEP Porto Ferreira. E-mail: ritapetrenas@gmail.com

^{1,2} Integrantes do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) – Unesp/Araraquara.

Keywords: Teacher training. School practices. Sex education.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos visto o debate crescente e acalorado sobre a inclusão ou a negatividade das temáticas relacionadas à sexualidade e gênero no contexto escolar. Aliados ao debate das mídias, principalmente as eletrônicas, nos deparamos com o aumento no número de produções a esse respeito, sejam artigos científicos, livros, revistas, filmes, entre outros artefatos culturais que vem produzindo e/ou reconhecendo significados, opiniões e representações sobre o tema.

Percebemos, com mais intensidade, que a Educação Sexual não pode ser somente discutida na puberdade com o viés biológico, mas gradativamente introduzida como parte essencial do currículo desde a educação infantil, voltada para o trabalho e discussões de acordo com a faixa etária dos alunos. Nunes e Silva (2000, p. 11) afirmam que a infância deve ser considerada “a época da aquisição subjetiva e sociocultural da identidade humana, na relação com o mundo, na descoberta de si e na apropriação significativa da cultura”.

Para Freud (1905), a criança possui sua sexualidade desde o nascimento e neste sentido, aponta que são pulsões e manifestações expressas por ela, e é preciso observá-las e respeitá-las, evidenciando a necessidade desse conhecimento, pois o adulto, na maioria das vezes, nega, recusa-se a aceitar ou a concebe de maneira erotizada.

A escola deve ser vista como espaço de interação, de troca de valores, convivência, aprendizado, e a temática da sexualidade entra nesse contexto. O(a) professor(a) deve ter conhecimento sobre a sexualidade e propor à criança que lide de modo positivo com seu corpo, que no decorrer de sua formação, possa agir de modo responsável nos relacionamentos, que se sinta bem consigo mesmo em suas escolhas, que possa ter a capacidade do respeito e alteridade em relação ao outro no contexto da sexualidade e de gênero, e assim, espera-se que haverá um posicionamento da sexualidade no transcorrer da vida com menos questões polêmicas e violentas em torno da homofobia e gênero.

Compreendendo que a criança é possuidora de sexualidade, valorizá-la e entendê-la enquanto ser humano que tem sua vivência e dignidade é buscar construir uma sociedade igualitária livre de preconceitos e estereótipos, sendo que assim, também se terá como resultante uma educação sexual emancipatória.

Desse modo, nos propomos a abordar a educação sexual através da análise de alguns bilhetes informais produzidos por alunos da primeira etapa do Ensino Fundamental, materiais envoltos com a temática da Sexualidade, que circulam no cotidiano das escolas. Destacamos que, na maioria das vezes, esses bilhetes causam dificuldades de discussão, estranhamento entre os docentes, não proporcionando momentos de reflexão e aprendizado sobre o que expressam, são considerados como apartados do currículo escolar.

Os diversos momentos e acontecimentos no contexto escolar podem ser transformados em práticas pedagógicas para discussões e trabalho docente, baseado no currículo, pois compreendemos o mesmo como dinâmico e integrado às ocorrências no cotidiano das escolas. Tratando dos bilhetes escolares trocados pelos alunos, em específico, percebemos que é um assunto que está em voga no cotidiano da escola, pois a invisibilidade desses comportamentos pode levar a atitudes equivocadas e ao preconceito, perdendo a oportunidade de discussão e reflexão.

Entendemos que a linguagem é fenômeno de expressão social e cultural de determinados grupos, influenciados pelos artefatos culturais, pois esses são construções produzidas nas práticas sociais, nos discursos, nas leituras e escritas que constituem os sujeitos e as culturas das escolas.

Em um entendimento amplo, consideramos que o espaço/tempo escolar é influenciado pelos artefatos culturais como resultado de um processo de representações, significados e construções sociais, e desse modo, os alunos, independentemente do nível de escolarização, não estão isentos de tal domínio, pois a socialização se faz além e na escola.

Diante dessa vertente, os artefatos culturais, resultados de construção social, também influenciam os currículos escolares (SILVA, 2011). Além de que, esses artefatos possuem e se tornam pedagogias culturais, que ensinam, prescrevem e deliberam formas de ser e estar no mundo, alterando propostas pedagógicas, significados docentes e currículos escolares, pois "o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural" (SILVA, 2011, p. 139).

Corroboramos que o currículo tem relação direta com o cotidiano escolar, e não pode ser concebido de maneira estática, mas em constante mudança e transformação, porquanto apresenta relações intrínsecas com a sociedade, com questões políticas e culturais. O currículo é práxis, ou seja, prática e teoria, ação e reflexão.

Ao nos propormos a estudar materiais informais produzidos pelos alunos, "bilhetinhos" trocados entre eles, podemos observar a manifestação do currículo oculto:

“[...] O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes [...] o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações [...]” (SILVA, 2011, p. 78).

O currículo, especialmente neste estudo, se manifesta tanto pelos alunos quanto professores, pois as escritas e inferências são carregados de sentidos próprios criando as formas de relacionamento, poder e convivência nas escolas, sentimentos e concepções.

Muitos docentes não demonstram consciência do currículo oculto envolto em suas ações, não percebem que suas ações, atitudes, materiais didáticos que usam são permeados por uma ideologia dominante que sustenta sua prática, mas é aspecto ideal para reflexão e discussão de formas e atitudes assumidas pelos diversos atores escolares.

EDUCAÇÃO SEXUAL E CURRÍCULO ESCOLAR

A Educação Sexual no contexto escolar não pode ser considerada um assunto para ser abordado somente na puberdade, pois ao tratarmos de sexualidade devemos compreender que, desde o nascimento até a morte, ela se manifesta nas pessoas de formas diferentes em cada etapa do desenvolvimento humano e o ambiente escolar é permeado pela sexualidade.

A escola, enquanto instituição responsável por formar cidadãos conhecedores de seus valores e que repudiam a discriminação de todas as formas, deve auxiliar os alunos, inclusive as crianças da Educação Infantil, a viverem e compreenderem sua sexualidade de maneira responsável e saudável.

Apontarmos, primeiramente, o respeito pelo próprio corpo e ao corpo do outro é fundamental, no reconhecimento da diversidade, e se espera que a educação sexual no contexto escolar se torne dialético e dialógico, no qual os alunos tenham oportunidade de

refletir criticamente, desde tenra idade, sobre suas ações, bem como, possam desenvolver uma visão positiva e significativa sobre sexualidade de modo a ter responsabilidade, respeitando os valores diversos, crenças e comportamentos existentes, caminhando para uma Educação Sexual Emancipatória.

O currículo, assim como conceito que temos de Educação Sexual, não é neutro. Caracteriza-se como um modo de organizar uma série de práticas educacionais no ambiente escolar e no sistema educativo, e também possui uma relação com os referenciais teóricos que fundamentam o currículo em ação.

Para se implantar a Educação Sexual na escola, o currículo é peça-chave, pois se atuará no projeto pedagógico escolar, que se apresenta como um documento que orienta as diretrizes, as ações a toda a prática educativa. O trabalho pedagógico também circula em torno do currículo. Portanto, é importante que compreendamos as formas de abordagem da Educação Sexual para sinalizarmos como sistematizar a prática curricular, visão que o docente precisa ter e estar consciente na sua atuação, pois:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através dos seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles(as) que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos [...] (LOURO, 1997, p. 58).

A escola enquanto espaço de conhecimento e socializador, atualmente, exerce veementemente esse papel, é local preponderante para desmistificar valores ou para proclamar e manter preconceitos que, na maioria das vezes, o docente não percebe que possui esse poder e se concentra somente em conteúdos pré-estabelecidos, muitas vezes, distantes de cotidianos escolares, que proclamam por transformações.

MATERIAL E PERCURSO DE ANÁLISE

O material a ser utilizado para análise está baseado em cinco expressões escritas acompanhadas de desenhos, que podem ser denominados bilhetes, trocados informalmente entre alunos do 3º ano do Ensino Fundamental durante as atividades escolares, tendo como referência de tempo o ano letivo de 2019. A faixa etária dos alunos varia entre 8 a 10 anos de

idade. Para esse momento do trabalho, não temos a pretensão de correção ortográfica dos escritos, porquanto nos concentramos nas produções e o significado das mesmas. O material foi trocado entre os alunos durante as aulas e entregue pelos próprios às professoras responsáveis pelas salas, como censurável.

A análise tem como foco a temática da Sexualidade e a análise dos dados de caráter qualitativo que, dentre as várias técnicas da análise de conteúdo, privilegiou-se a Análise Temática (BARDIN, 1977). Para a autora “[...] tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado, segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura [...]” (BARDIN, 1977, p. 105).

Laville e Dionne (1999) destacam que a Análise de Conteúdo não se caracteriza por ser um método rígido, no sentido de um receituário com etapas pré-determinadas. É possível o pesquisador construir unidades de análises a partir de sua compreensão, sempre seguindo a cientificidade e o contexto em que os “elementos” aparecem.

Assim, ao realizar uma análise temática, é necessário reconhecer núcleos de sentido, que são manifestados devido à frequência ou à própria presença, apresentando significações para o objeto em estudo.

Apresentaremos a seguir os bilhetes que serão analisados (Figuras 1 a 5).

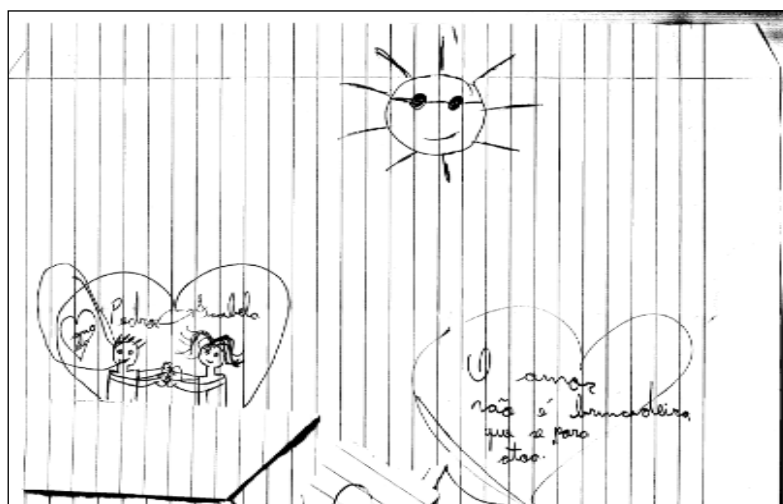


Figura 1 – Transcrição: “O amor não é brincadeira que se passa atoá”.

Fonte: Bilhete trocado informalmente entre alunos do 3º ano do Ensino Fundamental durante as atividades escolares.

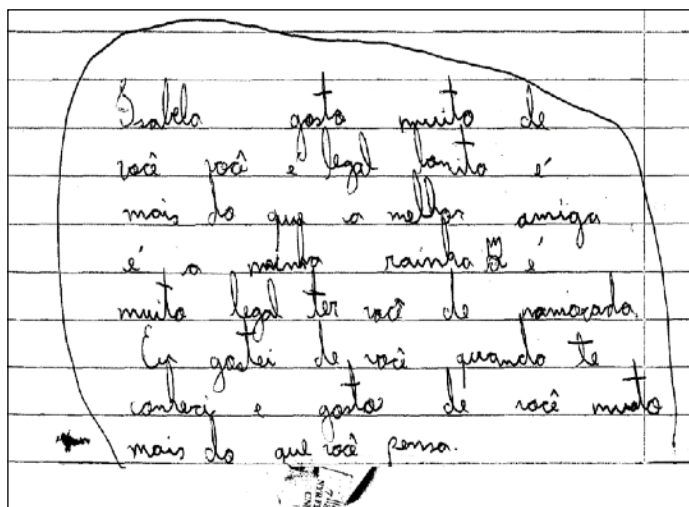


Figura 2 – Transcrição: “Isabella, gosto muito de você/ você é legal bonita e mais do que a melhor amiga é a minha rainha é muito legal ter você de namorada. Eu gostei de você quando te conheci e gosto de você muito mais do que você pensa” (sic).

Fonte: Bilhete trocado informalmente entre alunos do 3º ano do Ensino Fundamental durante as atividades escolares.

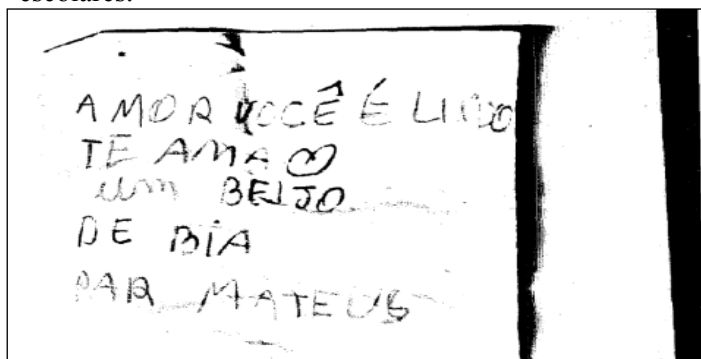


Figura 3 – Transcrição: “Amor você é lindo/Te ama/Um beijo de Bia par Mateus” (sic).

Fonte: Bilhete trocado informalmente entre alunos do 3º ano do Ensino Fundamental durante as atividades escolares.

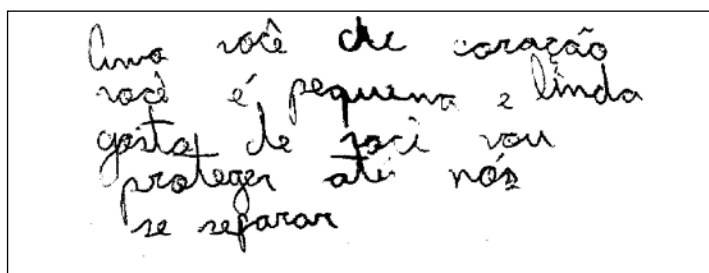


Figura 4 – Transcrição: “Amo você de coração/você é pequena e linda/gosto de você/vou te proteger até nós se separar” (sic).

Fonte: Bilhete trocado informalmente entre alunos do 3º ano do Ensino Fundamental durante as atividades escolares.

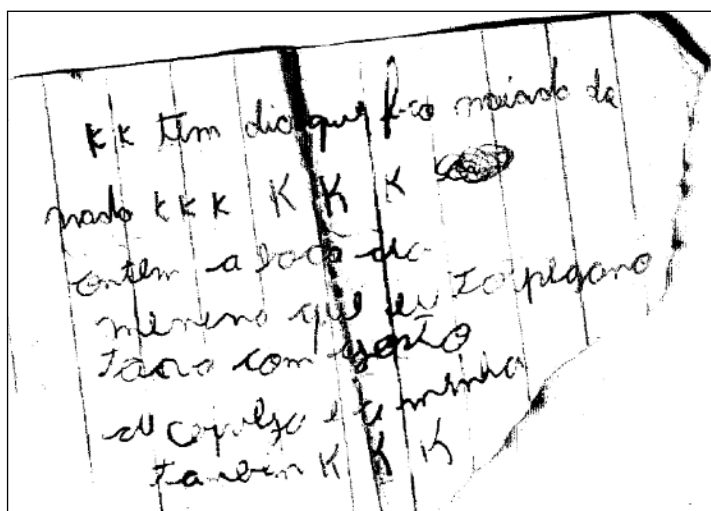


Figura 5 – Transcrição: "KK (simula risos) tem dia que fico noiado³ do nada KKKKK (simula risos)/ontem a boca da menina que eu tô pegano tava com gosto de cerveja e a minha também KKK" (sic).

Fonte: Bilhete trocado informalmente entre alunos do 3º ano do Ensino Fundamental durante as atividades escolares.

Com base nos bilhetes acima, após várias leituras, realizamos a Análise de Conteúdo, modalidade temática, para discorrermos os dados significativos apresentados nas escritas (Tabela 1).

Tabela 1 – Análise temática dos bilhetes.

Categorias	Subcategorias	Transcrição
------------	---------------	-------------

³ "noiado" = gíria que expressa aquele que está sob o efeito de drogas, geralmente com o aspecto sonolento, cansado, drogado, chapado.

1 – Manifestações da Sexualidade	Afeto /amor /carinho / gostar / proteção / amiga	"é mais do que a melhor amiga, é minha rainha" (Figura 2) "amor não é brincadeira que se passa atoa" (Figura 1)
2 – Influências sociais	Namorada / rainha/ cerveja / gíria ("noiado", "tô pegano") (sic)	"ontem a boca da menina que tô pegano tava com gosto de cerveja" (Figura 5). "te amo, um beijo" (Figura 3)

Fonte: Autoria própria.

Através das análises dos bilhetes, foi possível a identificação de duas categorias, seguidas de subcategorias, de acordo com os temas apresentados.

A Educação, enquanto fenômeno envolto pelas questões sociais, culturais, políticas e históricas se apresenta com diferentes metodologias, conceitos e objetivos. No caso da Educação Sexual especificamente, podemos compreender que, no Brasil, enquanto fenômeno escolar, apresentou divergências e se constitui objeto de estudo e aprendizado em diversas épocas com singularidades específicas, pois ora atendia os conceitos biológicos, ora médicos e políticos na formação do cidadão.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 2001), através do tema transversal "Orientação Sexual", enquanto documento que não é normativo, proporcionou respaldo e visibilidade para se trabalhar a Educação Sexual no contexto escolar.

Quanto ao Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998), que deve ser estudado especificamente pelos educadores e profissionais diversos de creche e Educação Infantil, além de ser referência obrigatória para os cursos de Pedagogia, apresenta um item denominado "*Expressão da Sexualidade*", que embora tenha somente três laudas, expõe um conteúdo rico com diversas abordagens. Além de outros itens ao longo do documento que podem ser explorados nesse sentido, temos como exemplo "a hora do banho", jogos e brincadeiras, dentre outros.

Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) faz apontamentos, embora elementares, sobre gênero, que se relacionam explicitamente com a sexualidade, mas cabe aos profissionais da Educação compreenderem que, dentro das competências estabelecidas para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, abordar a temática é inerente, pois:

[...] requer que a instituição escolar seja deliberadamente aberta à pluralidade e à diversidade, e que a experiência escolar seja acessível, eficaz e agradável para todos, sem exceção, independentemente de aparência, etnia, religião, sexo, identidade de gênero, orientação sexual ou quaisquer outros atributos, garantindo que todos possam aprender. Dessa maneira, a equidade reafirma seu compromisso de reverter a situação de exclusão histórica (BRASIL, 2017, p. 11).

Cabe salientar que, diante do exposto, ainda que a BNCC traga uma delimitação curricular da abordagem da sexualidade, os docentes poderiam oportunizar situações para efetuar uma Educação Sexual direcionada com o compromisso da educação integral, conforme consta na introdução desse próprio documento, pois a sexualidade inerente ao ser humano, se manifesta também no cotidiano escolar.

1 – Manifestações da Sexualidade

Ao analisarmos as categorias apresentadas, destacamos os sentimentos que fazem parte do contexto de vida das pessoas que também estão envolvidos com a Sexualidade, visto que ela também envolve sentimentos que devem ser abordados desde a infância, pois o ser humano não pode ser visto como ser compartimentalizado, um corpo constituído por partes, esvaziado de suas dimensões histórica, cultural, social e humana. É necessário que se olhe para esse ser de outra forma, referendando-se ao todo, à sua complexidade humana. O ser humano constitui-se com um papel social. É um cidadão que pensa, ama, deseja e sente prazer. É preciso uma educação que respeite todos esses aspectos, mas que também mostre o caminho possível para uma transformação e uma emancipação.

As manifestações da Sexualidade na infância ocorrem de diversas maneiras e fazem parte do desenvolvimento normal psicoafetivo próprio da idade: o prazer pelo contato, as descobertas do corpo e as diferentes sensações, inclusive proporcionadas pelas brincadeiras. Nunes e Silva (2000) afirmam a esse respeito:

Durante as primeiras fases do desenvolvimento sexual infantil, a descoberta do próprio corpo e a exploração de suas múltiplas possibilidades e características constituem um mundo próprio para a criança. A manipulação dos órgãos sexuais, que se organiza ao redor de 3 ou 4 anos, é uma das mais intensas descobertas infantis. A manipulação dos órgãos genitais proporciona intensa experiência de prazer para a criança. Não se trata ainda de uma busca

intencional, daí ser absolutamente ridículo e descabido reprimi-la como “masturbação” ou “perversidade”. A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem às crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades (NUNES; SILVA, 2000, p. 77).

As escritas das crianças agrupadas nessa categoria se apresentam coerentes com as esperadas no desenvolvimento psicosssexual típico dessa faixa etária, especialmente nas manifestações de carinho:

"é mais do que a melhor amiga, é minha rainha" (Figura 2).

"amor não é brincadeira que se passa atoa" (Figura 1).

"vou proteger até nos separar" (Figura 4).

A sexualidade, como uma característica essencialmente humana, envolve a questão da alteridade, e a escola é local importante para se trabalhar essa questão. Acreditamos que, apesar da persistente busca dos governantes por melhores índices de qualidade educacional, o desafio educacional para a atualidade não é apenas atender as demandas de produtividade, porém, fazer da escola e do processo de aprendizagem um local de aprendizado da convivência com as diferenças, com enfoque no respeito e na valorização do outro, e conseqüentemente, as questões da Sexualidade perpassam por essa vertente.

Dentre os apontamentos, precisamos compreender a sexualidade nas diferentes idades, fato que, muitas vezes, se torna complexa, pois tanto a criança como a pessoa na velhice são vistas isentas de sexualidade.

Foi a partir do início do século XX, que Freud, em uma de suas conferências, apresentou suas descobertas sobre a sexualidade infantil, indo contra o que até o momento se pregava, que a sexualidade só apareceria na adolescência. Tendo como referência os estudos de Freud, Guirado (1997, p. 25) destaca:

As crianças, desde o nascimento, apresentavam atividades auto-eróticas que, da sucção à masturbação, passando pelo controle das fezes como estímulo à mucosa anal, faziam-se acompanhar de fantasias e constituíam assim a história amorosa desses supostos anjos (GUIRADO, 1997, p. 25).

Freud (1905) descreve as fases do desenvolvimento da criança expondo a relação do corpo com o prazer e sensações prazerosas. Sucintamente, apresentamos as fases, segundo o estudioso do tema: fase oral (0 a 1 ano), fase anal (1 a 3 anos), fase fálica (3 a 6 anos), período de latência (de 6 a 9 anos) e fase genital (a partir dos 10 anos).

A formação docente é fundamental para que se conheça os fundamentos científicos, psicológicos e filosóficos da infância, objetivando que o docente apresente segurança e conhecimento diante das situações ocorridas no cotidiano das escolas e se utilize dos diversos materiais produzidos, inclusive pelos alunos, para abordar a temática sem culpa e de maneira natural, relacionada ao currículo escolar.

Compreender que a sexualidade vai além da vertente biológica, visto que está atrelada às questões culturais, sociais e econômicas e, inevitavelmente, conceber a sexualidade também como a tomada de poder, consciência de si, concepção de corpo e mente integrados. É preciso formar e informar a sociedade para que compreenda que, independente da faixa etária, a sexualidade está presente no ser humano e deve ser respeitada em suas especificidades.

Destarte, a BNCC (BRASIL, 2017) silencie as questões de sexualidade e gênero no cotidiano escolar, é preciso que os docentes se preparem para trabalhar essas temáticas, visto que a sexualidade está presente em todos os espaços e a escola é local apropriado para que as crianças compreendam algo que é inerente aos seus corpos e possam aprender a se posicionarem com atitudes assertivas e conscientes para si e seus pares.

2 – Influências sociais

Ao analisarmos a categoria denominada “Influências sociais”, recorreremos a Ariès (1981), que afirma que as crianças até o século XVII eram tratadas como adultos em miniatura e os cuidados especiais que elas recebiam eram dispensados aos primeiros anos de vida.

Nunes e Silva (2000, p. 36) revelam que:

"Até o século XIV, [...], as crianças andavam misturadas com os adultos e com eles participavam de festas, bailes, trabalhos e reuniões, sempre correndo e dando saltos no ambiente supostamente reservado aos negócios

do adulto. As crianças participavam das festas comunitárias, junto aos adultos, até ao amanhecer".

Até os sete anos de idade, a criança crescia livre de regras e compromissos sociais e diante delas, os adultos se permitiam tudo, discussões, brigas, práticas sexuais, entre outros. Não separavam o mundo adulto do infantil e tudo era visto e assistido pela criança.

No século XVI, essa concepção já começava a ganhar significado com a ideia de que a criança era um ser puro, fraco, inocente e fadado a paparicações. Assim, o sentimento moderno de infância surge com o advento da sociedade capitalista urbano-industrial, pois nesta nova forma de organização social, sobre a égide burguesa, a criança começa a ser entendida como ser em desenvolvimento, com peculiaridades e individualidade, e que necessita de cuidados e de escolarização (NUNES; SILVA, 2000).

Nesse contexto, a sexualidade se torna restritiva às casas, especificamente ao quarto do casal, e passa a exercer apenas a função de reprodução, tornando-se segredo. Toda forma de manifestação, atos e palavras, são abolidas pelas convenções sociais e a criança é vista como um sujeito assexuado. As crianças são proibidas de ouvir, falar, ver e manifestar sua sexualidade.

Para Foucault (1988), a sociedade burguesa declara que não há o que falar com as crianças sobre sexualidade. Porém, não significa que a sexualidade da criança está silenciada, apenas procura-se novas formas de falar, especialmente na escola, em que o discurso sobre sexualidade é exercido de acordo com os padrões estabelecidos por lei.

No entanto, a sexualidade se faz presente em todo o desenvolvimento físico e psicológico dos indivíduos, manifestando-se desde o seu nascimento. A sexualidade vai além do ato sexual em si, pois se encontra marcada pela história, cultura e ciência, igualmente como os afetos e sentimentos de cada sujeito.

Nunes e Silva (2000) afirmam que a sexualidade é vivenciada pela criança desde o seu nascimento, por meio da amamentação e também pela percepção corporal, ao se tocar e ser tocada, ao ingressar no mundo externo ao útero materno.

Gradativamente, a criança desenvolve a curiosidade de tudo que está a sua volta, incluindo seu corpo e por volta de três anos, indaga sobre os genitais, quer saber de onde vem os bebês e manifesta curiosidade sobre as relações sexuais estabelecidas pelos pais. Respostas para tais curiosidades colaboram para o esclarecimento, incentivando de forma positiva o

desenvolvimento da criança ao longo da vida. Essas questões da sexualidade nem sempre são esclarecidas, determinando o silêncio acerca dessas curiosidades. “A curiosidade não satisfeita vira ansiedade de saber e pode desencadear um comportamento que expressa uma ansiedade difusa, podendo evoluir para algum distúrbio na personalidade” (NUNES; SILVA, 2000).

As concepções de infância têm se transformado no transcorrer dos processos históricos, sendo a família e a escola as principais instâncias responsáveis pela compreensão dessas mudanças, pela inserção e assimilação da criança nessa nova ordem, pois a criança do século XXI é um sujeito de direitos e como tal, requer uma educação integral que contemple suas reais necessidades.

Os processos de mudança também ocorreram no campo político, econômico, das tecnologias e informação. A mídia, por sua vez, se faz presente na vida cotidiana das pessoas e das instituições, e por meio de propagação de informações, influencia sobremaneira a sociedade, fazendo emergir novas formas de pensar acerca de várias questões, entre elas, as sexuais (LEÃO, 2009).

Nesse cenário, as crianças também são expostas a diferentes artefatos culturais, que podem contribuir com a curiosidade e vivências de sua sexualidade, pois revistas, programas televisivos, filmes, propagandas, entre tantos outros meios midiáticos, vem desempenhando um papel pedagógico cultural que ensinam modos de ser e de estar na sociedade, mesmo não sendo os mais adequados no sentido educativo e de formação do ser humano.

Soares e Meyer (2003) apontam que o conceito de pedagogia cultural remete a reconhecer e problematizar a relevância educacional e cultural das imagens, das tecnologias de informação e comunicação, ou seja, “das relações que se estabelecem entre educação e cultura da mídia nos processos de organização das relações sociais e na produção das identidades” (SOARES; MEYER, 2003, p. 139).

Essas pedagogias culturais operam nos processos educativos e de socialização, especialmente atuando como um meio de produção e divulgação de discursos acerca de gênero e sexualidade, determinam e regulam práticas, normas e desejos de forma a corroborar com as identidades (LOURO, 2003). Ao considerarmos os bilhetinhos trocados entre os alunos como um artefato cultural, é possível perceber que eles divulgam a representação da sexualidade e a construção das identidades de acordo com os discursos que permeiam a sociedade.

Magalhães (2014, p. 172) reitera que a representação como modo de produção de significados através da linguagem pode ser: sons, palavras escritas ou faladas, imagens eletrônicas ou impressas, notas musicais, objetos, gestos, entre outros, que representam para outras pessoas nossos conceitos, ideias, valores, pensamentos e sentimentos; que organizam e regulam as práticas sociais; que influenciam nossas condutas, modos de ser e estar na sociedade.

Podemos observar, que na categoria “Influências sociais”, as frases representam as “gírias” comumente utilizadas para designarem as pessoas com as quais estão se relacionando e a subcategoria apresenta palavras que manifestam representações das vivências interpessoais na manifestação da sexualidade desses alunos(as), não ficando implícito se essas crianças realmente sabem o significado das palavras que escrevem, sendo momento indicado para discussão e esclarecimentos, contribuindo com a formação.

Cabe ressaltarmos que sexualidade está também no olhar, no toque, na comunicação verbal e escrita, na afetividade, nas relações entre as pessoas, conforme consta nos bilhetes analisados.

Considerando as “Influências sociais”, a expressão “rainha” para designar namorada, pode estar relacionada à influência da mídia, assim como, citar a cerveja como algo que faz parte do seu cotidiano, evidenciando a bebida que, muitas vezes nas propagandas, está relacionada a momentos de afeto entre os pares. Outra expressão utilizada, “noiado” como complemento de “ficano” (sic) com uma menina, traz a conotação de que ficar com alguém, provoca a sensação de ficar inebriado, comparando tal sensação ao uso de drogas.

Para Fischer (1997, p. 153), a mídia não apenas veicula discursos, mas os constrói e produz significados e sujeitos. A televisão é um meio de comunicação social que “cotidianamente participa da constituição de sujeitos e subjetividades”, na medida em que (re)produz “imagens, significações e saberes que de alguma forma se dirigem à educação de pessoas, ensinando-lhe modos de ser e estar na cultura em que vivem” (FISCHER, 1997, p. 153).

Nesse sentido, reiteramos que os bilhetes retratam a fase da descoberta do outro, da afetividade e do contato, mas também da influência recebida pela mídia e do cotidiano vivenciado por essas crianças, e que se constituem em pedagogias culturais que circulam na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos propusemos a explicitar que as diversas formas de produções dos alunos, no caso específico, bilhetes informais, podem se tornar propostas pedagógicas que complementem e subsidiem o currículo escolar cotidiano. Proposta que se torna parte do currículo real e que precisa ser discutida e explorada em ambientes educativos, pois a temática da Sexualidade está envolta no cotidiano das crianças e a escola, enquanto também espaço de convivência, se torna local propício para discussão e formação.

Sabemos que os artefatos culturais estão presentes em diversos espaços de formação e desse modo, precisamos compreender as amarras que esses são capazes de causar caso não sejam discutidos de maneira reflexiva e crítica. Desse modo, propomos a formação docente para uma educação sexual emancipatória, pois compreende a formação plena e integral do ser humano em um contexto histórico, se trata de uma construção ético-social, sendo de modo sucinto, vinculada ao valor inigualável do ser humano enquanto pensante e capaz de refletir sobre suas atitudes com alteridade.

Diante do exposto, podemos afirmar que o espaço escolar é o ambiente propício para se trabalhar a Educação Sexual, oportunizando os alunos a analisarem e avaliarem as influências da mídia e do seu próprio cotidiano. Para tanto, podemos utilizar materiais e artefatos que eles mesmo produzem, na busca de saberem lidar com a sexualidade de maneira satisfatória e responsável.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **A história social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCCpublicacao.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 2001. 146p.

FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 59-79, jul./dez. 1997. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71363/40517>>. Acesso em: 10 maio 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. 1905 (original). In: Edição Standard Brasileira da obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

GUIRADO, M. Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p. 25-42.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara nas temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. 345f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, 2009.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003. p. 43-53.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 4ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, J. C. Gênero e ciência: analisando alguns artefatos culturais. **Exedra – Rev Científica ESEC**, n. 1, p. 170-191, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6499911>>. Acesso em: 05 maio 2020.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011.

SOARES, R. F. R.; MEYER, D. E. E. O que se pode aprender com a ‘MTV de papel’ sobre juventude e sexualidade contemporâneas? **Rev Bras Educação**, n. 23, p. 136-148, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 25 junho 2020.